

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 7.

SABBADO 19 DE MAIO.

1860.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

(Continuado de p. 42.)



Simão, que desde a queda ficou cambeta, entre as suas perversidades, faz ás vezes cousas, que é para rir-se.

Uma noite, oh que lembrança teve o esturdião! Agarra um gato do vizinho, que á dispensa do pae ás vezes ia; e com breu as patas todas em cascás de nozes colla; esperou que fosse alta noite, e o miáu atira ao quintal do dono. O papa-ratos, que se vê de botas, ou por se mostrar grande, ou com susto de si mesmo, da varanda em que cahira passou ao corredor, sobe escadas, corre quartos; e não podendo penetrar até onde havia gente, estando fechadas da alcova as portas, pula ao forro; e lá por cima, para lá e para cá, em marche-marche, fez tal barulho, sons tão desconhecidos, que além da chuva que cahia, e dos relampagos, que de quando em quando reluziam, a todos de casa pôz em confusão; uns suppondo serem almas do outro mundo, outros temendo que fossem ladrões; quaes julgando a casa mal assombrada, quaes as vidas em perigo, estes assustados já rezavam, aquelles tremendo se escondiam entre o catre e o colchão. E nesta desordem toda a familia já nem sabia o que fazer, tão desorientada estava.

Um delles, que de todos o mais valente se mostrava, e até fingia rir-se das medrosas, e querer abrir as portas para ver o que era: lembra-se que no armario, que no quarto estava, havia uma pistola; e quer armar-se para o inimigo combater. Agarra na candeia, vae atical-a, oh fatalidade! a luz se apaga; então imaginando a casa toda cheia de ladrões, os desafia com a arma de fogo, com que se julga salvo. A's escuras, vae ao armario, abre a porta, e nisto que com as mãos, ás apalpadellas, procura a tal pistola, famosa ratazana, que ali tinha o seu ninho, pula-lhe ao peito, estonteada na fugida; e o meu Ferrabraz, qual nervosa dama, dá um grito de horror, e de assustado caê!

Eis a familia em confusão maior agora; ás

escuras, e com o grito e a queda, julgam-se nas mãos dos malleitores, ou com as almas do outro mundo os agarrando; e cada relampago, que alumia o quarto, lhes parecia mostrar sombras de phantasmas enormes.

No meio desta scena tão ridicula, um honve, que por fim cobrando um pouco de animo, abre as janellas, e com gritos de—acudam!.. acudam!.. alarma a vizinhança. Com isto os vizinhos, das janellas indagam o que é; e logo, apezar da chuva, alguns soldados vieram em soccorro daquella gente, que dizia ter ladrões em casa; bem que as velhas crêsem antes ser duendes. A patrulha quer entrar, mas ninguem tem animo de abrir as portas; e novas difficuldades, novas farças teem lugar.

Por fim, depois de muito questionar, de muitas razões, de muito ditos, lá vem um soldado com uma escada de mão, que fóra buscar algures; e encostada á parede, trepa a milicia e alguns do povo; e pela janella entram para a casa. Accendem, os que entraram a candeia, e pelos rostos dos de casa, e pelo mais que viram, bem poderam ajuizar da comedia, que ali representavam; e aberta a porta do quarto: saem, correm a casa toda e nada acharam. Volvem e revolvem os cantos todos, e já seguros de que ladrão algum ali se achava, começaram quasi todos, mesmo os de fóra, a pensar como as velhas: que ali andava cousa do outro mundo. Mas nisto que vão sahindo da varanda, sentem atrás um forte baque, como de grande peso que cahira. Uns de susto gritam, e outros de repente voltam-se para o lado do barulho; e nada vendo mais que um gato preto, o tomam logo pelo demo: visto gatos não fazerem taes barulhos. Nova confusão, grande alarido; até que um soldado avança ao gato, e no lombo lhe assenta decidida cutifada. « Matei o diabo! » exclama o bravo militar; e cheio de si, e do seu feito de armas, agarra sua victima... oh surpresa! oh ridicula caçoada! é então que reconhecem, que o diabo, os ladrões e as almas do outro mundo, apenas era... um gato!

(Continúa.)

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

SCENAS VERIDICAS

(Continuado da pag. 30).

IV.

O feitor conduziu Antonio perante o fazendeiro.

É um tribunal terrível aquelle diante o qual comparece esse ente chamado escravo. Ha accusação, ha um accusado—e defeza?... Coisa não precisa de defeza... Mas entretanto os juizes teem especial prazer em interrogal-o; ou talvez seja para se desculparem para com a consciencia que lhes brada: Por mais que faças o escravo sempre será um ente intelligente, um homem, e a justiça ordena que a todo accusado se dê o direito de se defender.

Ahi, perante esses dous homens, em cujos semblantes tranluzem máos sentimentos, está esse pobre preto, com os braços crusados, fronte abatida sobre o peito.—Será realmente um criminoso? Ira responder por um grande attentado, por um crime de natureza tal que pôz em perigo o resto da escravatura, ou abalou a opulenta riqueza de seu senhor? Será elle um escravo preguiçoso, incorrigivel incapaz de prestar serviço algum?

Creio que sim... Colheu hoje menos café que de costume... Já é um crime capital.

Mas esta não era a verdadeira razão por que Antonio chamára sobre si a colera do feitor, e como veremos depois, a do fazendeiro. Este facto prende-se a outros anteriores, de que necessita o leitor ser informado para poder apreciar o interrogatorio que váe ter lugar, e a sentença injusta fulminada contra o misero escravo.

Antonio não nascêra na fazenda, nem era natural do Brazil. Sua terra era a Africa, e d'ahi fôra transportado, com outros muitos da sua raça, a este grande mercado de carne humana. O fazendeiro em questão comprou-o e com elle outros pretos e algumas pretas.

Entre estas havia uma pretinha quasi da mesma idade que Antonio. Receberam o baptismo, o primeiro com o nome já sabido e esta com o de Roza.

Estes dous africanos estavam na fazenda perto de nove annos.

É de notar que quando o fazendeiro os comprou elles estavam juntos, com as mãos crusadas, inquietas, como se temessem que

alguem as fosse separar. O fazendeiro gostou das suas figuras, idades, e robustez, e os apartou.

Durante o transito para a fazenda, Antonio não perdia de vista a sua companheira, e fazia tudo que lhe estava ao alcance para suavisar-lhe a viagem.

Esta dedicação dos dous africanos foi notada, por quanto, desde o tempo que fallamos até o presente, suas aflições se conservaram grandes, e mesmo maiores pois que lhes acompanhava o crescer da idade. Foi notada e creram sempre serem dous irmãos. Esta crença foi mesmo confirmada por elles quando comprehenderam qual a sua posição de escravo, e a difficuldade que teriam de se communicarem, si acaso se descobrisse que os laços que os uniam não eram fraternaes.

Os senhores assim os consideravam.

Mas Roza era uma africana bonita, e por isso, por infelicidade della, um pagem predilecto do fazendeiro assentou de fazer-lhe a conquista.

Este creoulo era odiado pela totalidade dos escravos—não porque em sua qualidade de pagem elle gozasse de certas regalias e isso excitasse-lhes inveja, mas porque o creoulo era espião do fazendeiro e dilatavalle verdades e mentiras a respeito dos parceiros donde lhes resultavam grandes castigos.

Era um creoulo aristocrata... Si vestisse a libré d'um nobre moderno haveria perigo que o pagem imitasse. mais ao vivo do que o senhor, os habitos das antigas aristocracias... Assim pensou elle que ia conferir grande honra á africana em distingui-la dentre as demais escravas. Enganou-se, porém, pois que a africana repelliu-o rudemente, e mais tarde Antonio, sabendo das pretensões reiteradas do creoulo, ameaçou-o si por ventura continuasse a si entender com sua irmã.

Esta ameaça avivou o orgulho do parvenu e accendeu-lhe mais intensamente o desejo de possuir a africana cujos costumes e honestidade eram incensuraveis.

Um dia, era domingo, Roza estava cuidando de algumas plantas que cultivava n'um terreno bastante retirado da casa, eis que derepente surge perto o creoulo. Tentou convence-la brandamente a que cedesse aos seus desejos libidinosos, e a vista da recusa da africana atirou-se sobre ella para violenta-la. Mas si é verdade que o amor nesta desgraçada gente não tem a nobresa de cu-

racter com que se reveste nos individuos educados, tambem é verdade que nelles este sentimento toca ás vezes á ferocidade. —Antonio velava sobre a africana com todo o ciuime d'uma fêra. Assim, o crioulo mal tinha subjogado a sua victima quando sentiu-se apertado por dois braços robustos que o atiraram longe como se fosse um pequeno objecto. O africano rugia, com os olhos vermelhos, e laivos de sangue nos cantos da bocca parecia um demonio enraivecido. Depois abriu um canivete e avançou para o creoulo que ainda rolava no chão tonto pelo choque da queda. Este deu um grito de terror parecendo-lhe já sentir a folha do canivete cravar-se-lhe nas carnes. Mas a escrava sosteve o braço e concedeu generosamente a vida á aquelle que lhe queria fazer mal.

O creoulo a vista de lição tão clara persuadiu-se que, si não tinha partido a tomar contra taes individuos, si não podia saciar seus torpes desejos, podia ao menos vingar-se chamando sobre os dois africanos a colera do feitor ou do fazendeiro.

Assim pôz elle tudo em acção para perdê-los.

O acaso vem muitas vezes em auxilio do mal intencionado.—Aconteceu que uma noite, tendo saído as escondidas para o passeio nocturno nas tavernas da povoação vizinha, o creoulo se retirava, bastande tarde, quando ouviu vozes que fallavam baixinho, e na escuridão como que distinguio um vulto. Collocou-se á parede e aproximou-se sorrateiramente. Viu então que o vulto estava só junto a uma janella, e de dentro alguém que com elle conversava. Aproximou-se mais, e ponde perceber que esse alguém estava abraçando o vulto. O creoulo pensou que seria algum dos pretos da fazenda, porem quiz conhece-lo porque o castigo seria prompto e elle mais ganharia de importancia. Mas como conhecer? A escuridão era tamanha e elles fallavam baixinho; si se aproximasse mais podia ser descoberto e isto o amedrontava.

Entim, depois de estar mais de meia hora com os ouvidos e olhos attentos o creoulo viu que o vulto, se separou da janella e disse: Até amanhã... o nome da pessoa foi pronunciado, mas elle não o ponde perceber.

Enraivecido por se vér illudido, o creoulo arrancou algumas *carapinhas* do cabello. Quiz seguir o vulto, mas uma idéa lhe veio ao espirito: Até amanhã, disséra elle, por

tanto era ter mais um pouco de paciencia, e na noite seguinte sua curiosidade ou maldade seria provavelmente satisfeita.

(Continúa.)

TRISTEZA!

Ha momentos na vida em que minha alma
Se imbebe de uma scisma, de um langor,
Como as ondas do mar á noite a lua
Banha de frouxo tremulo pallor.

Gozos de outr'ora, dos passados tempos
Me surgem na memoria, tão tristonhos!
Como imagens saudosas, desbotadas,
Que á noite vimos entre meigos sonhos.

E a sombra santa d'essa virgem meiga
A quem outr'ora consagrei meus dias,
Ella, coitada! me apparece envolta
Em nuvens vagas, pallidas, sombrias.

Adeus, meu anjo dos passados sonhos,
Em soffri tanto!... me perdôa ainda.
Occulta-te, visião triste, e suave
Na noite do meu peito, muda, infinda.

Ah! merencorios, decolorados echos
De venturas longinquoas, como passam
Em turba immensa, lamentosa, errante
Sobre meu seio, e suspirando o ab. açam!

Adeus, meus sonhos de mancebo ardente,
Que tanto me so ristes, hoje adeus!
Por entre as nevoas de um passado extincto
Por vós eu choro entre os pezares meus.

Ah! que vago pensar, que imagens doces
Se vem no rio d'alma debruçar!
São como aves que após a tempestade
Se agrupam n'um rochedo em meio ao mar.

Ide, coitadas!... Que deserto immenso,
Que ermo profundo na minha alma agora
Ai! vida, foste, e a solidão do espirito
Muda, impassivel no meu seio mora.

Momento de tristeza é doce, e peza
Como o grito das ondas no rochedo,
Como o vento a gemer no mato á noite
Como o canto da pomba no arvoredado.

É doce, embora... Pallidos pensares,
Sentimentos equivocos de amor!...
Sombras errantes n'um silencio triste
Enchendo o coração de vaga dôr!...

Adeus, tudo que amei! oh gratas hora
De enlevos de paixão, oh noite pura,
Asylo de meus prantos, oh florestas
Meu leito de perfum e de frescura,

Solidão das campinas, vento errante
Que levaste meus ais, oh praias nuas
Do oceano gemente, onde nos ermos
Vaguei à noite nas areias tuas,

Oh lnares tão brancos, tão tristonhos,
Oh rochas do silencio lá dos mares,
Oh montanhas azues, oh astros doces
Que nos surrides nos desertos ares,

E vós, imagens de formosos anjos,
Que povoaveis isso tudo, adeus!
Adeus! deixae que na minha alma pobre
Lastime as sombras desses sonhos meus!

Adeus!... que solidão, que véu sombrio
Vem cobrindo meu seio! pende, chora,
Oh fronte triste, neste pranto ao menos
Terás allivio da tristeza à hora.

S. Paulo 27 de Março de 1860.

Z. A. Pamplona.

O « Regenerador », a Religião e a opinião.

IV.

O que ganha a religião com a defeza desesperada do *Regenerador*?

Pelo que vejo, o *Regenerador* não confia muito na promessa que fez Jesus Christo á sua Igreja de nunca desamparal-a, de estar com ella até a consummação dos seculos.

Ao vêr o encarniçamento com que bate o *Regenerador*, dir-se-ia que a causa catholica periga, que a Igreja está á borda do abysmo, prestes a precipitar-se n'elle.

Ah! sim: periga o ultra-montanismo, deslumbrado pela vivissima luz das idéas modernas; convulsa agonisante, porque o leão das revoluções esmagou-lhe a cabeça activa, e calcou-lhe com a patta sangrenta a robusta cerviz.

São as más defezas que compromettem muitas vezes as boas causas. A verdadeira causa catholica, os interesses reaes e bem entendidos da augusta cadeira de Pedro, estão muito longe das doutrinas retrogradadas dos ultramontanos, jesuitas, lazzaristas ou frades, como melhor nome hajam.

A Igreja sustenta-se por si: tudo que é da Igreja é santo, é divino, ha de conservar-se a despeito dos tempos e dos homens; tudo que é estranho á Igreja é humano, é mutavel, é morredouro.

A velha disciplina, as grandes tradições, as inmemoriaes usanças em que se robuste-

cem as crenças pela fortaleza e seguridade dos animos, essas nunca hão de desabar, porque não chega até o firmamento o clangor das trombetas revolucionarias; essas estão superiores aos caprichos dos homens, porque não n'as creou a vontade de nenhum homem. Dae-lhes tempo e uma nesga de terra habitada por meia duzia de familias; deixae-as obrar, que por ellas ha de continuar, como já veiu d'ellas, a regeneração da sociedade.

Convenho em que o espirito religioso é um elemento essenciafissimo para os triumphos da democracia. Mas antes d'elle ha outro não menos necessario, não menos indispensavel: é o espirito de familia.

Dae-lhe uma constituição forte e duravel, de modo que o cidadão em sua casa ache incentivos para o trabalho e empregue n'este fim civilizador da regeneração social a actividade e os talentos de que Deus dotou-lhe.

Dae-lhe a instrucção, uma instrucção sólida e moral, apertae-lhe seus laços naturaes e contrahidos, fazei-a respeitar-se e compenetrar-se de seus destinos, que por ella ha de vir a paz e a prosperidade do municipio, da provincia, do Imperio.

Além da familia e da religião, ha o espirito politico.

Dae-lhe, ao espirito politico, uma parte larga e legitima no governo do paiz: que nenhuma opinião seja excluida, porque da lucta inevitavel entre ellas nascerão os bons principios, os governos estaveis, as camaras vigilantes e activas, uma opinião publica illustrada.

Mas que o espirito politico não se deixe dominar pelo espirito religioso, nem vice-versa, porque ambos podem e devem ajudar-se mutuamente e muito.

•Mais do que ninguem (diz Guizot), não quereria eu, mesmo em bem da causa religiosa, vêr renascer os abusos que alteraram-n'a ou comprometteram-n'a; mas confesso que não os temo hoje. Os principios do governo leigo e da liberdade do pensamento humano tem definitivamente triumphado na sociedade moderna. Elles tem ainda, e terão sempre inimigos que repellir, luctas que sustentar; mas sua victoria está segura. Elles tem em seu favor as instituições, os costumes, as paixões dominantes e essa corrente geral e soberana das idéas e dos factos que, atravez de todas as diversidades, de todos os obstaculos, de todos os perigos, caminha e precipita-se por toda a parte no mesmo sentido, em Roma, em Madrid, em Turim,

em Berlin, em Vienna como em Londres e Paris.

No Brasil principalmente, onde estão ainda tão vivas as memorias da Independencia nacional, onde ainda são tão calorosas as luctas da liberdade, onde o espirito politico tem ainda tanta prevençõ contra as ciladas das reacções, nada ha atemer da corrente do ultramontanismo.

Si ergui a voz contra este partido absolutista da Igreja e da sociedade politica, foi mais como um protesto contra a reacção jesuitica, do que por medo das consequencias das pregações do *Regenerator*.

Foi para que não se dicesse que os brasileiros consentem e authorisam por culposa indifferença os esforços do ultramontanismo para ter um quinhão do governo temporal.

Foi para que não se dicesse que permanecemos frios e impassiveis em presença das gigantescas luctas da liberdade na Europa.

A opinião do paiz não se deixará contaminar dos principios heterodoxos do *Regenerator*.

É a sua gloria e o seu triumpho!
S. Paulo, 22 de Abril de 1860.

††

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 46)

II.

Abriu a alma ao desespero e dá-la
à Satan.

ALVARES DE AZEVEDO.

Eram cinco horas da tarde quando sahi para ir ver o meu amigo.

Queria ter com elle uma conversação mais intima; queria conhecer mais miudamente as phases porque passára aquelle coração propenso ás paixões, e tantas vezes por ella batido e contrariado. A narração destacada d'uma passagem do seu viver interessava-me, porem não me satisfazia. Havia naquelle passado de mancebo ainda muita lembrança de sonhos que mentiram, muita recordação de saudade, havia, enfim, muito prazer e muita dor. Queria saber de tudo isto; queria sondar, até os ultimos arcanos, este coração que agora trava luta desesperada porque parece ser verdadeira.

A casa do meu amigo é situada na rua de... Subi a escada e entrei no seu gabinete.

Si eu estivesse com o coração alegre e disposto a pintar tudo que visse desmereceria a linda vista que se goza deste lado da cidade de S. Paulo, mostraria quanto este gabinete é agradável e mesmo poetico. Colocado sobre uma elevação a vista se estende pelo espaço de mais de meia legoa ao redor da cidade. D'aqui vê-se o sol ao nascer. As vezes surge no horisonte e se eleva até certa altura embuçado n'um manto de nuvens vermelhas; outras vezes desponta bello, radioso, e caminha por um céu limpo de nuvens. De noite, ao luar, é encantador este gabinete. Então é impossivel, á quem admira a natureza, deixar de extasiar-se perante o espectáculo verdadeiramente maravilhoso que d'aqui se goza. A varzea que se prolonga aos pés da cidade cobre-se de alvos vapores e fórma perfeita illusão com um lago sereno. A lua, no seu caminhar, derrama raios prateados sobre o lago, e os olhos parecem distinguir ilhasinhas persemeadas em sua superficie lá quando, de repente, lampeja o reflexo de luz baixa e fugitiva...

Mas voltemos ao meu amigo.

Ao entrar em o seu gabinete achei-o deitado n'uma rede. Fumava um charuto contemplando as fumaças que se elevavam ao tecto.

Tomei uma cadeira e sentei-me junto á rede. Elle nem se apercebêra da minha chegada que tal era o estado de divagação em que estava sua enferma imaginação.

Uma pallidez se lhe espalhava pelo semblante sempre que seus olhos se fitavam na nuvem de fumo que se desfazia no ar.

Dir-se-ia que as esperanças,—essas que se alimentam com lagrimas de sangue, se lhe iam morrendo no coração ao rir frio da realidade, ou, como o fumo, se desfaziam no ar.

Elle pensava, sem duvida, na mulher que amava, nesse sentimento cujas raizes mais fortemente prendem o homem á terra.

Entretanto, cumpre notar, é bem solemne o estado de desesperação que impelle o homem, ou para o heroismo, ou para o crime.

De feito, considerae-o martyr do amor. A fé viva que lhe acalenta o animo ergue-o até Deus e o nome de crença e de resignação. Sua alma, desligada do ultimo laço que a prendia, remonta ao céu, sua eternal habitação,—emquanto o corpo corrupto vae dar á terra o que é da terra...

Considerae, porem, o homem na loucura

da paixão. O cerebro se-lhe aquece, a mente se-lhe exalta, e sua alma, no paroxismo do desespero, lança-se torva no seio de Satan,—e exulta porque saciou seus instinctos, e ri-se porque se vingou...

E' que todo sentimento humano vê ante si dous caminhos a trilhar: o do bem e o do mal. O que o decide? Apenas uma circumstancia.

Quereis agora saber qual dos dous caminhos seguirá esse moço pallido que na prostração da dor permanece mudo seguindo com os olhos uma coisa tão frivola como é o fumo?

Eu não vo-lo posso dizer, porque não é dado penetrar-se no sanctuario do coração humano, e o combate do crime contra a virtude deve passar-se sem testemunhas.

Sabê-lo-heis quando aquella alma vos mostrar que das fibras dos affectos se exalam vozes de fé, de crença, e tambem gemidos de duvida, gritos de descrença.

Sabê-lo-heis quando aquelle homem vos disser que Deus não quer um rival: que ha um termo ao caminhar do homem té o seu Creator—sua propria fragilidade, que alem está o impossivel, que por isso, a creatura fragil, muita vez retrocede para intentar novo caminho,—porque aquelle o conduziu ao nada.

Este moço soffria muito, soffria dessas dores que somente quem as sente pôde aqui-latal-as e referil-as.

Assim era facil fazel-o fallar.

Ha no coração do homem dous sentimentos em que elle principalmente tem necessidade de se expandir, é o prazer e a dor. Então é preciso a existencia d'um amigo,—não desses que recebem nossas confidencias com sorriso ironico ou zombam hypocritamente do que mais nos affecta. E é tambem justamente na direcção destes dous sentimentos que o homem quasi sempre patentea a parte mais fragil e mesquinha da sua natureza.—Quando um concurso de circumstancias colloca-o no fastigio do poder, da felicidade, então, com a convicção nos labios, elle proclama altamente a existencia de um Deus justo e misericordioso, quando, porem, as mesmas circumstancias os despenham lá dessas alturas, então o homem, embuçado no manto do atheu, ou do sceptico, nega ou duvida da existencia desse mesmo Deus.

São almus de tempêra fraca, de crenças vacillantes essas que não reconhecem que a vida é uma successão de dores e de ale-

grias, de grandezas e de miserias... essas que se não persuadem que tudo é vão, ephemero, fugitivo... que ha um termo—um só! a mesma perigrinação do homem—o tumulto, aonde se vão confundir, reduzidas a lôdo, as grandezas e vaidades humanas...

E entretanto, elles querem sorver até o fundo a taça da ventura...

Pobres loucos...

O meu amigo estava n'um destes casos, não porque sua alma fosse fraca e vacillante, e suas crenças duvidosas,—mas porque instantes ha na vida em que mesmo as intelligencias superiores lutam contra a fatalidade que as acabrunha, e por fim desanimam e cabem n'uma prostração moral. Era isto que lhe acontecia.

Dotado de imaginação forte, sonhadora elle ideava a existencia em quadros bordados de flores e de sorrisos, e depois ali estava a realidade... e elle se achava só o pobre...

Por isso, em certas occasiões, o bafo gelido da descrença fazia dobrar sua alma e os labios lividos soltavam uma blasphemia contra Deus...

.....
(Continua.)

NOTICIARIO.

Estatistica dos Jornaes americanos.

Publicam-se actualmente nos Estados- Unidos 2,520 jornaes. Só nos estados de Nova-York se publicam 428, 310 na Pensylvania, 261 em Ohio, etc.

Destes jornaes extrahem-se por numero 5,183:017; e o numero de folhas de todos estes jornaes sobe por anno a 426,402:978 (Censo de 1850).

Na cidade de Nova-York passam de 120 os jornaes e publicações periodicas, que sahem á luz, o que dá n'um anno nada menos de 80 milhões de folhas de papel. Ora, aquella cidade não tem mais de 850:000 habitantes; e Londres que tem quasi o triplo desta população, conta apenas 99 publicações periodicas, com que se distribuem por anno 53 milhões de folhas de papel. E em todo o Reino-Unido existem sómente 516 publicações periodicas, que fazem circular por anno 90 milhões de folhas de papel.

No ultimo *meeting* da sociedade ingleza de estatistica, presidida pelo dr. Forr, o dr.

Ouy leu um trabalho sobre a duração da vida dos homens de letras, e tirou por conclusão das cifras, que os trabalhos litterarios não eram obstaculo á longevidade. No seculo XIV a duração média da vida dos escriptores foi de 64 annos; no XVII, de 63; e no XVIII, 65.

Segundo o *Annual Register*, o termo médio da vida da aristocracia, depois de um seculo, é de 67 annos e 3 mezes. Na alta burguezia de 70 annos e 3 mezes. Nas profissões nobres de 68 annos e 9 mezes. No commercio, o mesmo. No exercito e marinha, 67 annos e 6 mezes. Na classe de litteratos e sabios, de 67 annos e 6 mezes. Na dos artistas, de 66 annos. O termo médio da duração da vida dos casados é de 63 annos e 9 mezes, e dos celibatarios de 62 annos.

MOSAICO.

Os ambiciosos e os lacaios vestem indifferente-mente todas as librés.—*Bastos.*

Entre os lagos cujas aguas teem a virtude de converter em pedra, pouco a pouco, as substancias que nellas estão misturadas, os mais notaveis são os de Khyramim na Persia. Parece que a pedra se forma ali como o gèlo nas aguas dos paizes frios. Dão-lhe o nome de marmore de laurizi, e serve para pedras sepulchraes e para varios outros ornatos. Esta pedra ajunta á sua difancidade cristalina a vantagem de se pulir muito bem. Nas aguas em que ella se cria, nenhuma planta se dá, salvo alguma junça.

O padre Antonio Vieira, notando que na corte nenhum caso faziam de muitos homens benemeritos que ficavam sem occupação, disse um dia a certo ministro:—*Quem vir os nossos descartes ha de cuidar que temos bom jogo.*

No principio deste seculo appareceram em Londres dous automatos singularissimos que faziam embasucar John Bull e até punham espanto aos mais habilidosos machinistas. Um desses automatos era uma aranha preta de tamanho regular; e outro um cysne de grandeza natural. A primeira corria por cima de qualquer meza, para uma e outra parte, movia as pernas quando a agarravam, apertava as garras; em fim, fazia todos os movimentos que faz uma aranha verdadeira.

Cento e quinze rodas, muitas das quaes só com o micro-copio se podiam vêr, compunham o interior deste automato. O cysne nadava em um tanque rodeado de peixes dourados, estendia as azas, catava as brillantes pezas e depois disto tudo apanhava um dos peixes e engolia-o. Todos estes movimentos imitavam perfeitamente a natureza.

No começo da ultima guerra do Oriente, alguem descobriu uma singular coincidência pela qual julgou determinar que a sorte das armas seria em favor dos alliados: descobriu que a palavra Neva, nome do rio que banha a capital do imperio russo, continha as iniciaes dos chefes das duas nações alliadas, França e Inglaterra: *Ne*—Napoleão e *Eugenia*; *va*—Victoria e Alberto. Com estes ultimos soberanos dava-se até a circumstancia da precedencia da rainha ao principe, como realmente succede na direcção dos negocios do seu paiz.

Jactava-se um cavalleiro de antiquissima ascendencia, e, querendo exageral-a, dizia que a sua illustre progenie datava dos primeiros tempos do mundo; respondeu-lhe um gracioso «que devia estar muito obrigado a Noé que lhe soubera guardar tão bem os pergaminhos.»

O nome *Napoleon*, como se escreve em francez, compõe-se de duas palavras gregas que significam *leão do deserto*. O nome engenhosamente combinado fórma uma phrase que offerece singular analogia com o caracter daquelle homem extraordinario.

1 Napoléon
6 apoléon
7 poléon
4 oléon
3 léon
5 éon
2 on

Cortando successivamente a primeira letra desta palavra e depois a de cada palavra restante, formam-se seis palavras gregas, cuja traducção litteral, designada pela ordem dos numeros, é: *Napoléon, sendo o leão dos povos, ia destruindo as cidades.*

A disposição para crer no maravilhoso procede de duas causas; de um sentimento religioso muito desenvolvido, ou da falta de equilibrio entre a imaginação e a razão. Os phantasmas só nas trévas apparecem; um paiz ignorante é sempre miraculoso.—*Lamartine.*

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 48.)

SIM. — *(A' parte.)* Duro, patrão, duro com elles!...

GRA. — *(Com timidez.)* Sim... sim... *(Alto.)* Mas, sra. Condessa...

CONDES. — É o que esperamos merecer de v. s.^a, sr. tabellião.

COND. e D. FRAN. — Sim: é o que pedimos á v. s.^a

GRA. — Pois não, meus senhores; pois não, minha senhora....

SIM. — *(Baixo.)* Sabe que mais, patrão: vá plantar batatas!

CONDES. — Então v. s.^a promette-nos não communicar-lhe o motivo que aqui o trouxe?

GRA. — *(Perturbado.)* Sim... sra. Condessa...

CONDES. — Lembre-se v. s.^a que sabemos recompensar aquelles que nos servem com fidelidade...

GRA. — *(Ainda mais perturbado.)* Estou certo disso, sra. Condessa...

CONDES. — E que somos inimigos perigosos para aquelles que nos atraçoam.

SIM. — *(A' parte.)* Aqui anda tratantada muito grande!...

CONDES. — Está dito, sr. Graça?

GRA. — *(Tremulo.)* Sim, sra. Condessa...

COND. — Guardareis o mais religioso silencio, não é assim?

GRA. — *(Ainda mais tremulo)* Sim, senhora... sim, sr. Conde...

CONDES. — Até logo, sr. Graça.

GRA. — Até logo, minha senhora. *(Baixo.)* Que havemos de fazer, meu rapaz?

SIM. — Bico! v. m.^{oe} prometteu segredo.

GRA. — Antes eu tivesse mandado o meu escrevente só!...

SIM. — Muito obrigado! *(Sahem.)*

SCENA 5.^a

Os mesmos, menos Graça e Simões.

COND. — Dous milhões!

CONDES. — Para elle!

D. FRAN. — Ainda V.^a Ex.^a quer que elle se case?

CONDES. — Oh! não, não: nada de casamento, principalmente com ella.... com essa menina orgulhosa....

D. FRAN. — Que não quer senão o que lhe pertence....

CONDES. — Mas que ha de querer tudo que

tiver de pertencer-lhe. Oh! conheço-a agora perfeitamente: as mulheres conhecem-se á primeira vista; e, si algum dia ella fór minha irmã, será minha inimiga. Fernando tomará ordens e nós seremos seus herdeiros.

COND. — Quem o resolverá a isso?

CONDES. — Eu.

D. FRAN. — V.^a Ex.^a?

CONDES. — Sim, eu; e d'aqui a pouco. Tenha a bondade, sr. Conde, de dizer a seu irmão que me venha fallar.

COND. — Com muito gosto.

D. FRAN. — Eu cá da minha parte vou dar-lhe em baldas certas: é vanzinha, e por conseguinte ha de gostar de ostentação: orgulhosa de character, altiva de sua belleza; sonha com um mundo de esplendores. Um amor timido e respeitoso pôde seduzi-la; mas hei de arrancar-lhe do coração esse amor, lisongeiando os seus dotes naturaes.

CONDES. — *(Ao Conde.)* Quando fallar a seu irmão mostre-se triste e desgostoso.

COND. — Para quê?

CONDES. — Para atingirmos aos nossos fins.... *(A D. Francisco.)* Você, primo, mostre-se eloquente.

D. FRAN. — Hei de sê-lo; tanto mais que a pequena não é nenhuma asneira. *(D. Francisco e o Conde sahem.)*

SCENA 6.^a

A Condessa só.

CONDES. — Ora pois, trata-se de conquistar uma immensa fortuna e para isso é necessario empregar muita destreza. Compleições delicadas, corações susceptiveis como o delle encobrem muitas vezes vontades de ferro que a muito custo se podem dobrar.... Fernando não poderá resistir á minha vontade, porque os meios de que disponho são infalliveis. Seu desinteresse e sua generosidade m'os fornecem. Ah! vem elle. *(Finge não vê Fernando que entra.)*

(Continua.)

Pois não decifrestes o *Logogrypho*?... Olhae para cima.